

I Encontro da Fundação Lucinda Atalaya

A educação está no palco!
A educação hoje: na família, na escola, na sociedade

Descobrir o cinema, descobrir o mundo - passagem ao acto

Por Teresa Garcia

Foi o encontro com o filme "Les Jeunes Lumières" em 1996, na Cinemateca Portuguesa, que nos levou a pensar fortemente na questão da transmissão do cinema às crianças e aos adolescentes e desejar vir a criar um projecto que a levasse á prática.

Esse filme, realizado por crianças de várias regiões de França, que estreou em Cannes em 1995 e foi apresentado em festivais e encontros de cinema, e em Cinematecas de todo o mundo - na celebração dos cem anos de cinema - revelava na sua extrema simplicidade o essencial da criação cinematográfica.

Alain Bergala - um dos responsáveis pelo projecto que esteve na base desse filme (ele próprio cineasta e autor de numerosos livros e filmes sobre cinema, é também um dos mais importantes pedagogos da actualidade sobre as práticas de transmissão da arte cinematográfica a crianças e jovens) - descreve no seu livro "L'Hypothèse Cinéma" a experiência desse filme:

"Por vezes um plano chega para tornar uma experiência forte e inesquecível do acto de criação cinematográfica, se as condições desta passagem ao acto são cuidadosa e rigorosamente definidas e acompanhadas. Uma experiência conduzida em 1995, no quadro de "Cinema cent ans de Jeunesse", deu-nos a melhor prova disso, um filme composto por 60 filmes de um minuto, realizados em super 8 a cores e com som, por jovens entre os 10 e os 18 anos, espalhados pelos quatro cantos de toda a França.

Cada turma envolvida neste projecto teve a oportunidade de descobrir numa primeira fase em grande écran os filmes dos irmãos Lumière e dos operadores Lumière e de se impregnar do seu espírito e do seu dispositivo.

Depois, cada aluno procurou e escolheu um lugar, o dia e a hora onde queria filmar o seu "plano Lumière", sem outra obrigação a não ser respeitar as condições que eram as da origem do cinema: um plano fixo, de um minuto, sem possibilidade de voltar atrás.

Cada um partiu então para fazer o seu plano, arriscar a sua escolha e o seu minuto, acompanhado por um profissional de cinema, o professor e os seus colegas "assistentes".

Era preciso ter visto a seriedade e a gravidade desse momento em que eles decidiam ligar a câmara, a angústia e a esperança perante tudo o que podia acontecer de bem ou de mal para o seu plano ao longo desse minuto fatídico, mais intenso que qualquer outro, quando a câmara estava a filmar. O cinema é sempre jovem quando parte verdadeiramente do gesto que o fundou,

das suas origens. Quando alguém pega numa câmara e se põe face ao real ao longo de um minuto, num quadro fixo, em estado de extrema atenção a tudo o que pode acontecer, retendo a respiração perante o que há de sagrado e de irremediável no facto de que uma câmara capta a fragilidade de um instante, com o sentimento grave de que este minuto é único e nunca mais se irá reproduzir no curso do tempo, o cinema renasce para ele como no primeiro dia em que uma câmara filmou. (...) Fazer um plano é estar já no coração do acto cinematográfico, descobrir que há no acto simples de captar um minuto do mundo toda a força do cinema, e sobretudo compreender por outro lado, que o mundo é sempre surpreendente, nunca exactamente o que esperamos ou o que prevemos, que tem muitas vezes mais imaginação do que aquele que está atrás da câmara, e que o cinema é sempre mais forte do que aquele que o faz.

O que está em jogo, se for bem acompanhado por um adulto que respeite a emoção da criança que o realizou, é que este acto aparentemente minúsculo de fazer um plano, é a maravilhosa humildade que foi a dos operadores Lumière, mas também a sacralidade que pode pôr uma criança ou um adolescente numa "primeira vez" tomada muito a sério, como uma experiência inaugural decisiva."

A experiência e os excelentes resultados deste trabalho de iniciação ao cinema realizado com escolas de todo o país na celebração dos cem anos de cinema, que juntou profissionais de cinema, professores, responsáveis de salas de cinema, com as mesmas preocupações sobre a pedagogia da transmissão do cinema aos mais jovens, foi determinante e fundadora de um programa pedagógico a desenvolver desde então com as escolas: Le Cinema, cent ans de Jeunesse - O Cinema cem anos de Juventude.

Quando em 1999 fomos convidados a integrar o departamento de cinema e audiovisual da Sociedade Porto 2001 Capital Europeia da Cultura com a responsabilidade de fazer uma programação de cinema em quatro fases ao longo de 2000 e 2001, (o que foi feito em colaboração com a Cinemateca Portuguesa) e ao mesmo tempo dinamizar cursos de cinema na cidade do Porto pensamos que seria uma boa oportunidade para dar início a uma experiência de cinema com os mais jovens.

Foi assim criada a associação Os Filhos de Lumière que inspirada nesta experiência inicial de Cinema cent ans de jeunesse lançou a sua oficina fundadora "O Primeiro Olhar" dirigida essencialmente a crianças e jovens de meios desfavorecidos da cidade do Porto.

Essas crianças de diferentes idades orientadas por profissionais de cinema entravam assim num mundo para elas totalmente desconhecido, o da linguagem e do universo do cinema, através do próprio cinema: viam filmes ou excertos de filmes de realizadores de todos os tempos e de diferentes países do mundo e discutiam-se os filmes com eles, os olhares e os diferentes estilos de cada realizador abrindo um espaço enorme de possibilidades sempre diferentes e singulares consoante cada cineasta.

Depois disso eles passavam à prática, cada um pensava no seu filme, de um minuto, de ficção ou documental, sobre algo que desejassem filmar, antes de fazerem um filme colectivo onde descobriam também a montagem no cinema.

A procura das ideias e dos lugares é um dos momentos cruciais deste trabalho. A observação e a percepção, o olhar novo para aquilo que conheciam mas que nunca tinham visto de outro ponto de vista.

Cada um pensa o seu filme, quase sempre contando uma pequena história, escolhe o décor, os actores, os técnicos e tem a responsabilidade na rodagem de decidir onde vai pôr a câmara, dizer acção e corta e o que cada um tem que fazer no interior do seu plano.

Percebemos desde logo que a experiência de fazer um filme de um minuto como dizia A. Bergala era um momento forte e decisivo para o encontro destas crianças com o cinema como arte. A primeira grande surpresa é a noção do tempo no cinema. Inicialmente acham que um minuto é demasiado rápido, nem percebem qual o sentido de fazer um filme de um minuto. Depois com a prática percebem que um minuto afinal é muito tempo e que é preciso construir esse tempo. É muito mais complexo e subtil do que lhes parecia à partida. O cinema é feito de espaço e de tempo. Ao perceberem essa noção e como a podem trabalhar estão também a descobrir o ritmo. O ritmo no interior de um plano, o ritmo interior das personagens, depois a montagem, o ritmo entre os diferentes planos. Mas o que descobrem para além dessa noção num plano-sequência de um minuto é enorme; o ângulo e a distância da câmara (o ponto de vista), a composição no espaço, a relação entre a figura e o fundo, a cor, o movimento, a luz e as sombras, a perspectiva, o ambiente sonoro, a expressão, a narrativa etc.

Finalmente uma grande atenção a tudo o que é movente e imprevisível, que releva do sensível mais que do próprio sentido.

Para além do trabalho com o material - de imagem e de som - que apreendem a manusear tecnicamente com grande rapidez mas que vão descobrindo aos poucos - com a ajuda dos profissionais de cinema que os acompanham - as suas possibilidades artísticas.

Não é menos importante a descoberta do trabalho em equipa, onde cada um tem um papel fundamental (equipa de realização, de imagem, de som, as personagens etc) em absoluta sintonia entre todos (o que ajuda imenso a criar um clima especial e ritualizado)

Poder-se-ia pensar que as imagens muito banalizadas pela televisão e pelo YouTube ou a facilidade de filmar com pequenas câmaras ou telemóveis poderiam desinteressar os jovens do cinema. Mas a nossa experiência - que em 2010 faz dez anos de prática no terreno - revela-nos que isso não acontece. De cada vez constatamos o grande prazer com que eles descobrem o cinema e a sua linguagem e surpreendemo-nos sempre com a ignorância enorme e geral que têm do que ele representa (é raro saberem que existe um realizador que pensou o filme e o dirige, não fazem ideia do que é um plano, nem o que um plano pode envolver técnica e artisticamente).

Ao transmitir-lhes o que é a arte cinematográfica estamos sem dúvida a dirigir-nos à sua inteligência, sensibilidade e criatividade. E é urgente fazê-lo enquanto têm essa frescura e essa capacidade de abertura, qualidades que muitos deles mais tarde irão perder definitivamente. Ao levá-los a descobrir filmes de todo o mundo estamos a abrir-lhes janelas sobre esses mundos e sobre as outras culturas mas também sobre eles próprios e sobre a sua relação com o outro. Mundos tão importantes na construção do seu imaginário.

Quando em 2006 Nathalie Bourgeois responsável do departamento pedagógico da Cinemateca Francesa que coordena o programa pedagógico "Cinema, cem anos de juventude" nos convidou a participar neste dispositivo com escolas portuguesas, em parceria com a Cinemateca Portuguesa - no ano anterior tinha integrado a Espanha - aceitamos com entusiasmo, assim como a Cinemateca Portuguesa (João Benard da Costa nunca tinha esquecido a sessão em 1996 de Les Jeunes Lumières). Mas foi com a prática que fomos percebendo a verdadeira dimensão deste programa pedagógico, a importância da orientação de Alain Bergala, dos materiais pedagógicos que trabalhamos em conjunto anualmente e ficam à disposição de todos e a importância para todos os participantes (alunos, professores, cineastas, responsáveis de salas de cinema) da discussão, do encontro, da partilha (este programa implica três encontros com os participantes ao longo do ano, actualmente dos cinco países envolvidos).

Um dos aspectos importantes deste trabalho com as crianças e adolescentes é a apresentação dos filmes que eles realizaram numa sala de cinema ou auditório.

Fizemos, para apresentar nesta sessão, uma selecção de alguns filmes realizados por crianças e adolescentes de diferentes regiões do nosso país no âmbito de "O Primeiro Olhar" e alguns exercícios e o filme final de um dos grupos (da Escola Secundária de Serpa) no âmbito do dispositivo "Cinema, cem anos de juventude" em 2006/2007 onde a questão em trabalho ao longo do ano era "qual a relação entre a Figura e o Fundo no cinema?".

O primeiro desses exercícios era um trabalho individual onde cada aluno devia fazer duas fotografias em que se representasse a si próprio: "Eu e o mundo" e "Eu e o meu mundo".

Exercício final (filme colectivo): 1- alguém descobre uma carta, papel ou objecto, e a emoção é transmitida por uma alteração entre a figura e o fundo, 2 - um trajecto, 3- uma figura emerge e distingue-se do fundo ou afasta-se confundindo-se com ele.

De novo Alain Bergala:

"Se queremos realmente transmitir o cinema como arte, é urgente não continuar a privilegiar a dimensão da linguagem em detrimento de uma aproximação ao sensível. É preciso antes de tudo afinar a percepção.

O material técnico hoje em dia é muito simples e de fácil aprendizagem, por isso liberta para o mais importante, a atenção a tudo o que se passa e pode enriquecer e dar vida a um plano. Quando está a filmar, a criança ou o adolescente, está a imaginar, a criar e a reflectir ao mesmo tempo. As escolhas e as exigências do acto de criação são da sua responsabilidade. O contacto com um profissional interveniente, um cineasta ou um técnico de imagem ou de som, pode ser aqui muito frutuoso precisamente no sentido de ajudar a afinar a percepção para uma determinada luz, uma sombra ou um reflexo, uma matéria sonora, um movimento, um gesto ou um olhar ." in " L'Hypothèse Cinema"

Os Filhos de Lumière
osfilhosdelumiere@gmail.com
<http://osfilhosdelumiere.blogspot.com/>